



Universidade de Brasília – UnB  
Instituto de Ciências Humanas – ICH  
Departamento de Geografia – GEA

**LEONARDO LUIZ DE OLIVEIRA**

**REVISITANDO AUTORES DA GEOPOLÍTICA BRASILEIRA: UMA ANÁLISE DAS  
PUBLICAÇÕES DA REVISTA DA ESCOLA SUPERIOR DE GUERRA NOS SEUS 40  
ANOS DE EXISTÊNCIA (1983-2023)**

Brasília – DF

2023

LEONARDO LUIZ DE OLIVEIRA

**REVISITANDO AUTORES DA GEOPOLÍTICA BRASILEIRA: UMA ANÁLISE DAS  
PUBLICAÇÕES DA REVISTA DA ESCOLA SUPERIOR DE GUERRA NOS SEUS 40  
ANOS DE EXISTÊNCIA (1983-2023)**

Orientador: Prof. Dr. Daniel Abreu de Azevedo

Brasília – DF  
Dezembro de 2023.

# **REVISITANDO AUTORES DA GEOPOLÍTICA BRASILEIRA: UMA ANÁLISE DAS PUBLICAÇÕES DA REVISTA DA ESCOLA SUPERIOR DE GUERRA NOS SEUS 40 ANOS DE EXISTÊNCIA (1983-2023)**

**Leonardo Luiz de Oliveira**

**Orientador: Daniel A. de Azevedo**

## **Resumo**

A Geopolítica brasileira se construiu enquanto subcampo do conhecimento durante o século XX. Autores clássicos como Mário Travassos, Everardo Backheuser, Golbery do Couto e Silva, Meira Mattos e Therezinha de Castro, dentre outros, tiveram papel fundamental na sua sistematização e seu desenvolvimento. No entanto, nota-se a lacuna existente em relação a estudos que se dediquem a explorar autores para além desses grandes nomes. O presente estudo tem por objetivo identificar, caracterizar e analisar a produção Geopolítica brasileira para além dos clássicos, a partir do recorte da Revista da Escola Superior de Guerra nos seus 40 anos de existência (1983-2023). Para tanto, lançou-se mão de uma revisão de literatura que abarcou as 82 edições e os 682 artigos, dos quais foi possível selecionar 44 que trabalhassem diretamente com o recorte desejado. Na sequência foram feitas análises bibliométricas que buscaram entender a produção Geopolítica brasileira a partir da concentração temporal das publicações, o vínculo institucional dos autores, a distribuição geográfica e, por fim, o organograma dos autores mais citados nos artigos analisados. Almejou-se lançar o foco para além dos autores clássicos e trazer questionamentos que possam contribuir para o avanço do campo geopolítico brasileiro.

**Palavras-chave: Geopolítica; Geopolítica brasileira; Escola Superior de Guerra, revisão de literatura; bibliometria.**

## **Abstract**

Brazilian Geopolitics emerged as a distinct field of knowledge during the 20th century. Influential figures such as Mário Travassos, Everardo Backheuser, Golbery do Couto e Silva, Meira Mattos, and Therezinha de Castro played pivotal roles in its formulation and development. Nevertheless, there exists a gap in studies dedicated to delving into authors beyond these renowned names. The present study seeks to identify, characterize, and analyze Brazilian Geopolitical contributions beyond the classics, drawing from excerpts in the Revista da Escola Superior de Guerra over its 40 years of existence (1983-2023). To achieve this, a literature review was conducted covering 82 editions and 682 articles, allowing the selection of 44 that directly engaged with the desired focus. Subsequently, bibliometric analyses were performed to comprehend Brazilian Geopolitical production, considering the temporal concentration of publications, institutional affiliations of authors, geographical distribution, and, finally, the organizational structure of the most cited authors in the analyzed articles. The objective was to extend beyond classic authors and pose inquiries that could contribute to the advancement of the Brazilian geopolitical landscape.

**Keywords:** Geopolitics; Brazilian geopolitics; Escola Superior de Guerra, literature review; bibliometrics.

## **Introdução**

A Geopolítica surge, enquanto campo teórico, entre o final do século XIX e início do XX. Carmona (2019) escreve que Rudolf Kjéllen foi o primeiro a tecer um conceito para tal termo, estruturando como atributos essenciais o espaço, a liberdade de movimento e a coesão interna como condicionantes para que um Estado possa se tornar uma potência. As produções de Ratzel, tido como pai da Geografia Política, influenciaram de maneira direta as produções de Kjéllen e a formulação de seu conceito de Geopolítica. Segundo Brandão (2016), a Geografia Política caminhou no sentido de estudar as relações entre política/poder e espaço, com base na existência e preponderância do Estado, já a Geopolítica, seguiu como um campo de estudo voltado para o pensamento geoestratégico estatal.

No contexto da América do Sul, a Geopolítica brasileira possui uma importância reconhecida por diferentes autores (ALVES; CUNHA, 2014; COSTA, 2009; 2017; AZEVEDO; NOGUEIRA, 2023), especialmente dentro da Escola Superior de Guerra (ESG), fundada em 1949. A criação dessa escola representa um ponto de inflexão na produção Geopolítica brasileira. Vlach (2003), em sua pesquisa sobre os geopolíticos militares brasileiros, assinala que a Geopolítica brasileira encontrou dentro da ESG um espaço privilegiado de discussão.

Dentre outros, dois nomes se destacam, o professor Everardo Backheuser e o Capitão do exército Mario Travassos (MEIRA MATOS, 2000), pioneiros, respectivamente, na teorização e na aplicação da Geopolítica brasileira. Ao longo do século XX, outros autores foram ascendendo no cenário nacional: entre as décadas de 1940 e 1950, podemos destacar o Brigadeiro Lysias Rodrigues, o Tenente Coronel Golbery Couto e Silva e a geógrafa Therezinha de Castro. O final da década de 1940, período esse que marca o início da Guerra Fria, também tem uma significância enorme no que tange o futuro do pensamento geopolítico brasileiro.

Levando em consideração a importância da Geopolítica brasileira, o presente estudo busca identificar quais são, para além dos já considerados clássicos, os autores mais citados no campo, identificando suas principais ideias. Para tanto, será utilizado como recorte de análise a produção da Revista da Escola Superior de Guerra nos seus 40 anos de existência. Busca-se construir um panorama, identificando, caracterizando e analisando a produção Geopolítica brasileira para além dos autores já mais conhecidos, a partir do recorte da revista da Escola Superior de Guerra nos seus 40 anos de existência (1983-2023). Revisitar obras e autores desse campo, se faz importante no que tange à influência e ao uso dessas pesquisas na elaboração de

políticas de Estado, ou até em âmbitos de política externa e relações internacionais, ajudando na análise de panoramas passados, atuais e, em certa medida, futuros.

A ESG, enquanto um dos principais polos de estudo da Geopolítica brasileira, é um recorte temático relevante, possibilitando uma análise que vislumbre o resgate de autores pouco discutidos dentro dessa temática. A primeira edição da Revista da Escola Superior de Guerra surge, em 1983, em meio a um contexto político nacional de reabertura democrática depois de 20 anos de regime ditatorial. O editorial publicado na primeira edição destaca que, dentre os objetivos da revista, estavam “[...] divulgar a Doutrina, os trabalhos e as atividades da Escola, bem como promover e estimular debates e estudos sobre temas doutrinários e assuntos de interesse nacional” (EDITORIAL, 1983, p. 01).

Uma pesquisa inicial permitiu reconhecer a lacuna existente em relação à temática e ao recorte proposto. Em um segundo momento, foi feita uma revisão de literatura dentro das produções da Revista da Escola Superior de Guerra, ao longo dos seus 40 anos de existência, na qual buscou-se filtrar artigos e demais produções que trouxessem o termo “Geopolítica” nos títulos ou subtítulos da publicação. Em seguida, a partir do método bibliométrico, instituiu-se uma hierarquia em relação aos autores/obras mais e menos citadas dentro dessas publicações selecionadas na etapa anterior. Por fim, foram analisadas as obras escolhidas a partir da revisão de literatura, investigando os autores, o contexto e as contribuições que as pesquisas trazem para o campo. Afinal, a produção científica tem no avanço metodológico e teórico alguns de seus objetivos, e quase nada nesse campo é descoberto sem que se use as pesquisas e os avanços de autores passados, seja negando ou indo de acordo com os trabalhos realizados anteriormente.

### **Procedimentos metodológicos**

A Revisão de Literatura é um método de pesquisa que busca fazer um resgate criterioso e pesquisas já publicadas sobre alguma área ou temática específica. Azevedo, Urias e Oliveira (2023, p. 68) afirmam que “é possível definir uma revisão de literatura como uma pesquisa de fonte secundária que descreve, sintetiza e avalia a produção científica referente a uma questão de pesquisa”.

Foram analisadas as publicações presentes nas 82 edições (1983-2023), sendo selecionados 29 trabalhos que carregavam o termo “Geopolítica” em uma parte do título ou subtítulo. Na verificação dos artigos, identificou-se outras 15 pesquisas que usaram o termo “Geopolítica” em títulos de seções e, por isso, acabaram incluídos. Ao decorrer da análise dos 862 trabalhos publicados, apareceram pesquisas que trabalhavam temáticas muito próximas ao

tema da Geopolítica, no entanto, não traziam, no título ou nos títulos das seções o termo “Geopolítica”, e, por esse motivo não foram selecionados para análise aprofundada.

Foi metodologicamente desafiador estabelecer as publicações que demandavam a análise literal, ou seja, definir os artigos que seriam analisados na íntegra, visando encontrar o termo “Geopolítica” como título (ou parte dele) de sessões. Desse modo, foi pensado um filtro secundário que procurasse as seguintes palavras nos títulos: fronteira(s), fronteiroço, estratégia(s), aliança, entorno estratégico, conflito(s), transfronteiroço, integração, Amazônia, Antártica, globalização, segurança, e termos mais genéricos que contrapusessem duas escalas de análise. Essa preocupação metodológica acabou gerando mais insumo a serem analisados, pois abriu o escopo de filtragem, possibilitando a seleção de mais produções.

Ao decorrer da realização da revisão de literatura (MOREIRA, 2004; BOTELHO; CUNHA; MACEDO, 2011; AZEVEDO; URIAS; OLIVEIRA, 2023) foi observado que, em algumas edições, não estavam disponibilizados todos os arquivos dos artigos que as compõem. Dessa maneira, houve o contato com a edição da revista, tornando possível ter acesso a quase todas as publicações que estavam com problema, exceto dois artigos: um da edição nº35, intitulado “Política - Sim” (FALCÃO, 1997) e o outro da edição nº37, chamado “Processo Legislativo, Eixo de Equilíbrio Político-Institucional” (MARTINS, 1998). Porém, como é possível observar, nenhuma das duas publicações carregam nos títulos termos que foram usados como filtros na seleção, sendo possível descartá-las no decorrer do processo metodológico.

O método bibliométrico se mostrou uma ferramenta imprescindível a ser utilizada na análise das produções selecionadas. A Bibliometria engloba estudos que se proponham a quantificar os processos da comunicação escrita, e que, a técnica de análise de citações (MOTTA, 1983; FORESTI, 1990; ARAÚJO, 2006; MACEDO; PAGANO, 2011), especificamente, contribui na quantificação e análise dessas informações. Através da contagem de referências, foi possível estabelecer os autores mais citados. Desse modo, estabeleceu-se um ranqueamento dos autores e, a partir disso, discutiu-se as suas relevâncias dentro do recorte proposto pela pesquisa. Não obstante, as autocitações não foram contabilizadas, visando deixar a análise e a relevância dos autores mais ponderada. Por fim, a variável da origem geográfica (FORESTI, 1990) das publicações foi um fator que visou mapear a produção sobre Geopolítica, publicada ao longo dos 40 anos da Revista da Escola Superior de Guerra, entender de onde vem essa produção e quais são os núcleos que mais se destacam nessa temática.

## **A Geopolítica brasileira**

Pensar a Geopolítica brasileira e os nomes por trás dela é repensar a própria origem e manutenção do Estado e do território brasileiro. Os colonizadores pensaram a manutenção e o controle dessa grande porção continental, passando pela construção dos fortes (PEREIRA, 2007) nas desembocaduras dos rios mais importantes, a preocupação com a saída para o Pacífico, até os debates mais recentes atrelados à soberania nacional sobre a Amazônia. São momentos do desenvolvimento e da consolidação da Geopolítica brasileira, seja no campo científico, seja no campo da aplicação prática.

Meira Mattos (2000), em seu artigo intitulado “A Geopolítica Brasileira – Predecessores e Geopolíticos”, fez um resgate histórico em torno dos principais autores e obras que compõem a produção teórica da Geopolítica Brasileira. Segundo o próprio autor, fazendo uma “teorização das observações relativas à interação homem-meio físico” (MEIRA MATTOS, 2000, p. 01), buscou-se registros primazes de pensadores que revelavam, já naquela altura, uma análise Geopolítica do território que viria se tornar o Brasil.

Ao adentrar no século XX, a Geopolítica enquanto campo do conhecimento da Geografia Política, que por sua vez, tem a Geografia enquanto tutora, começa a se desenvolver no campo nacional. Everardo Backheuser teve importantes contribuições no desenvolvimento e sistematização da Geopolítica brasileira. Em seu livro “A Geopolítica Geral e do Brasil” (1941), que é um compilado de artigos, aulas ministradas e palestras proferidas desde o final dos anos 1920, Backheuser traça análises que foram incorporadas pelo Estado brasileiro e determinantes na delimitação dos territórios federais (regionalização diferenciada, feita pelo Estado brasileiro, na qual se vinculou a administração de alguns territórios fronteiriços à gestão federal) bem como no modo de garantir a coesão territorial próxima às zonas fronteiriças (LIMA et al., 2017).

Outro expoente dessa vertente importante na consolidação da Geopolítica brasileira, Mario Travassos teve papel fundamental na criação de uma ideia de Brasil como potência regional. Nas palavras de Meira Mattos (2000), o capitão do exército, a partir de sua obra “Projeção Continental do Brasil” (1938), aplicou o pensamento Geopolítico brasileiro teorizado por Backheuser, lançando mão da dicotomia bioceânica a que o Brasil estava exposto, o difícil acesso ao Pacífico e a importância estratégica do altiplano boliviano, região que ele elegeu como “*Heartland* Sul-americano”, em referência à conhecida obra de Mackinder.

Na metade final do século XX, Golbery do Couto e Silva desponta com sua preocupação em relação ao desenvolvimento das regiões interioranas brasileiras, a atenção com a ocupação dessas áreas e com sua integração sob batuta estatal. Não obstante, Meira Mattos (2000) chama atenção para o caráter doutrinário (em relação à Doutrina de Segurança Nacional) da obra de Golbery, e a forma como essa produção acabou influenciando a forma de o Estado pensar a

questão Geopolítica nacional. Com o início do regime militar em 1964, essa visão Geopolítica sob a ótica da segurança nacional acaba imperando dentro do espectro estatal. Nesse sentido, a produção do próprio Golbery é incorporada e aplicada dentro do modelo desenvolvimentista da época.

Dentro desse contexto, o capitão Meira Mattos, através de importantes publicações, como a “Projeção Mundial do Brasil” (1959) e o “Brasil Geopolítica e Destino” (1979), se insere como importante interlocutor entre a Geopolítica brasileira e sua aplicação prática, na qual, dado tal contexto, existia um grande entusiasmo em relação ao que poderia vir a se tornar o Brasil. Como o próprio Meira Mattos pontua em sua obra, “o Capitão de 1931 sonhou com um Brasil potência continental, nós lhe pedimos licença para sonhar agora com um Brasil potência mundial” (MEIRA MATTOS, 2000, p. 10).

O nome de Therezinha de Castro, através de uma extensa gama de obras sobre a Antártica (1956; 1958; 1998) e sua importância estratégica para o Brasil, impera como uma das principais teóricas da Geopolítica Brasileira. E a presença da Estação Comandante Ferraz, base brasileira na Antártica, se deve em grande parte pela dedicação da professora (CÂMARA; MATTOS, 2023).

Não obstante, em um cenário político diferente, a Geopolítica brasileira ganhou um caráter mais acadêmico a partir da década de 1990, sem ser necessariamente elaborada e pensada a partir da perspectiva militar. Dentro dessa perspectiva, Bertha Becker, expoente da Geopolítica da Amazônia, traz o enfoque para outros autores além do Estado, bem como para um olhar geopolítico que difere dos anteriores. Becker propõe pensar a Amazônia dentro do seu caráter regional, englobando a sociedade civil, suas capacidades ambientais e a cooperação para além das fronteiras estatais, “através da Amazônia sul-americana” (BECKER, 2005, p. 85).

Esse resgate da Geopolítica para além da ótica estatal, revela uma reaproximação entre a própria Geografia e um dos seus campos de conhecimento, que durante muito tempo foi renegado e deixado de lado por geógrafos, devido ao seu caráter utilitarista aplicado durante governos autoritários (CASTRO, 2005; AZEVEDO; NOGUEIRA, 2023). Não obstante, essa reaproximação, ainda gradual, caminha sob olhar pouco amistoso da vertente crítica da Geografia brasileira. O impacto da obra de Yves Lacoste, “A geografia, isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra” (1977), se fez presente na Geografia brasileira, e a Geopolítica, devido ao seu caráter historicamente ligado ao Estado, carrega o peso das atrocidades cometidas ao longo da história<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Sobre marginalizar a geopolítica devido ao seu uso ilegítimo em violentas práticas na história, Castro (2022, p.11-12) afirma que “a questão da crítica aguda de Lacoste à geografia dos Estados Maiores ou de uma geografia

### *A importância da ESG para a Geopolítica brasileira*

A Escola Superior de Guerra (ESG) foi fundada em 1949, sob o contexto do final da Segunda Guerra Mundial, que refletia a bipolaridade mundial nos diversos continentes e países. A criação da ESG remete a um alinhamento do governo brasileiro aos Estados Unidos, pois, dentro desse modelo, buscava-se formar uma elite intelectual alinhada aos princípios ocidentais, que se resguardasse de influências soviéticas e do temido “inimigo interno”. Dentro dessa perspectiva, como visto na sessão anterior, a Geopolítica brasileira começa a ser delineada e ganha força a partir das obras de, principalmente, importantes autores militares, que passam a influenciar dentro desse espaço que “estuda o destino do Brasil” (FIGUEIREDO FILHO, 1984).

A Geopolítica brasileira encontrou dentro da ESG condições férteis para se desenvolver enquanto campo teórico, possibilitando a elevação dos valores que marcaram a estruturação desse campo no início do século XX, como a questão da defesa nacional, a preocupação com a integração das diversas regiões brasileiras, principalmente a Amazônia, e o estabelecimento do Brasil enquanto potência regional. Segundo Vlach (2003), é dessa forma que surge dentro da Escola Superior de Guerra uma “escola brasileira de Geopolítica”, que ganha força e se estabelece na produção teórica e aplicação de uma Geopolítica que teria como finalidade “tornar o Brasil uma grande potência” (VLACH, 2003, p. 34).

Fica evidente que a importância da ESG para o desenvolvimento da Geopolítica brasileira extrapola a questão da necessidade de reafirmação do território nacional, da segurança nacional, da manutenção das regiões mais isoladas e da transformação do Brasil em potência regional. Justifica-se de maneira direta no desenvolvimento da Geopolítica brasileira enquanto campo científico, seja nas reflexões propostas aos temas circundantes, seja através da criação da Revista da Escola Superior de Guerra, que nos últimos 40 anos se aproximou da sociedade civil e se encontra cada dia mais permeada pelos variados temas, atores e perspectivas relacionadas à Geopolítica brasileira.

### **Resultados e Discussão**

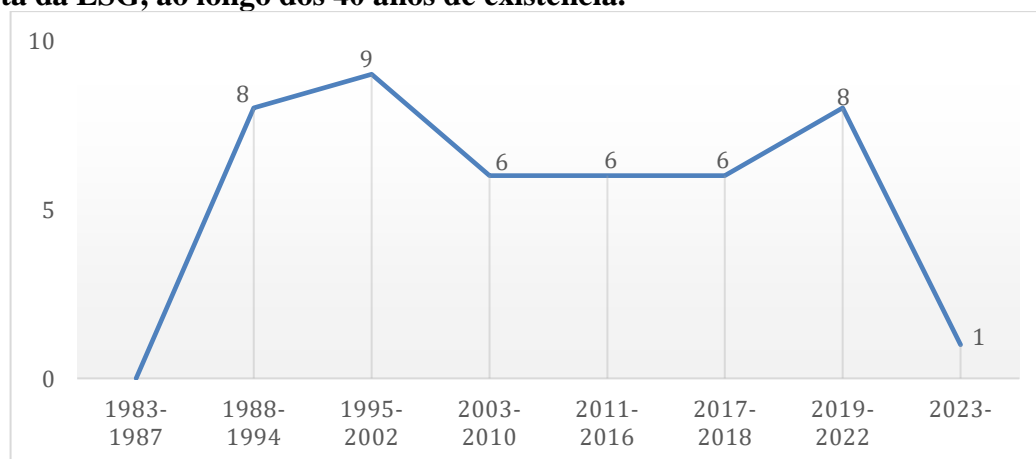
---

à serviço do poder, tornando necessário banir esta forma de produção de conhecimento que afetou profundamente a geografia política e a geopolítica, levanta uma questão de princípio, um tanto banal, mas fundamental: que conhecimento, uma vez produzido, pode ser protegido de ser apropriado pelo poder, qualquer poder? A aventura colonial das potências europeias e suas escolas nacionais de geografia foram amplamente criticadas, bem como a geografia política e geopolítica europeias, colocadas durante décadas no ostracismo. Parece-me que não ocorreu o mesmo com a antropologia, sociologia e outras ciências como a física, a química, a matemática, a biologia cujos conhecimentos foram amplamente utilizados na dominação colonial e nas guerras travadas dentro e fora da Europa. Os geógrafos que vivem outros contextos, geográficos e históricos, precisam refletir mais criticamente sobre as contingências e circunstâncias das ideias antes de aderir aos seus cânones”.

Para além do interesse em relação ao apontamento dos autores que se mostraram relevantes para as produções da Geopolítica brasileira ao longo dos 40 anos de existência, durante a elaboração da revisão de literatura, foi possível observar algumas questões que são oportunas, fazendo-se necessário o debate nesta etapa, que busca apontar os resultados e discutí-los/analísá-los.

Como é possível observar na Imagem 1, o recorte temporal foi organizado de acordo com os governos que se sucederam desde a fundação da revista: os anos em 1983 e 1987 foram agrupados visando demonstrar que durante os cinco primeiros anos da revista, nenhuma produção sobre Geopolítica foi publicada. Chama atenção o contexto da época, marcada pelo período de reabertura democrática, na qual as discussões que trouxessem Geopolítica podem ter ficado em segundo plano diante do cenário político. As produções só começaram a ganhar protagonismo já no final da mesma década.

**Imagem 1 – Gráfico temporal da distribuição das publicações sobre Geopolítica, na Revista da ESG, ao longo dos 40 anos de existência.**



Elaboração: Autor Fonte: Revista da ESG

Dentre os temas discutidos nessa fase, destacam-se os estudos sobre a posição do Brasil no cenário interno e externo (OLIVA, 1988; REIS; MACEDO FILHO, 1989), discussões sobre a importância Geopolítica da Amazônia (LUZ, 1990; MEIRA MATTOS, 1991) e pesquisas que se propunham a discutir a própria teoria da Geopolítica brasileira e as fronteiras (MEIRA MATTOS, 1990; TOSTO DA SILVA, 1992). Entre 1988 e 1994, o grande número de publicações é relacionado ao cenário político existente no Brasil, o período de redemocratização e a tentativa de conciliação entre a sociedade civil, governo e os militares. Dentro desse período foram publicados somente oito artigos que discutiam diretamente sobre Geopolítica.

Entre 1995 e 2002, governo Fernando Henrique Cardoso, é possível observar que o número de publicação praticamente se manteve o mesmo que do recorte anterior, com apenas um (1) artigo a mais. Com o fim da União Soviética, há interesse em se discutir a Geopolítica no cenário da globalização e da ordem que se instalaria (THEREZINHA DE CASTRO, 1997; MEIRA MATTOS, 1997; OLIVA, 1999). Não obstante, Meira Mattos (1998, 2000, 2002) tratou o caráter continental da Geopolítica brasileira, fez um copilado dos principais nomes da Geopolítica brasileira e suas respectivas obras, e tratou da importância Geopolítica da Amazônia; enquanto Therezinha de Castro (1998) se debruçou sobre a Geopolítica da Colômbia.

Nos anos entre 2003 e 2010, governo Lula, houve a queda no número de artigos (6) que tratassem com a temática analisada, destacam-se artigos sobre o novo contexto da Geopolítica mundial, atores e suas zonas de contato (LOPES, 2006; MOREIRA, 2007; SANDOVAL GÓES, 2007; PEREIRA, 2010). Bandeira (2008) escreve sobre a importância Geopolítica da América do Sul para os Estados Unidos. Já Moreira (2010) analisa a integração sul-americana, traça pareceres anteriores e sugere perspectivas dessa relação regional.

Entre 2011 e 2016, governos Dilma, nota-se a manutenção no número de publicações (6) e uma gama de temas discutidos: interação regional e a segurança do continente foram temas de dois artigos publicados (PIETROBON-COSTA, 2014; BRAGATTI, 2015), a Geopolítica do Atlântico Sul (MATOS; SOUSA, 2015) a gestão dos recursos hídricos em zonas fronteiriças (MARQUES, 2011) e as fronteiras culturais (SANTOS, 2016).

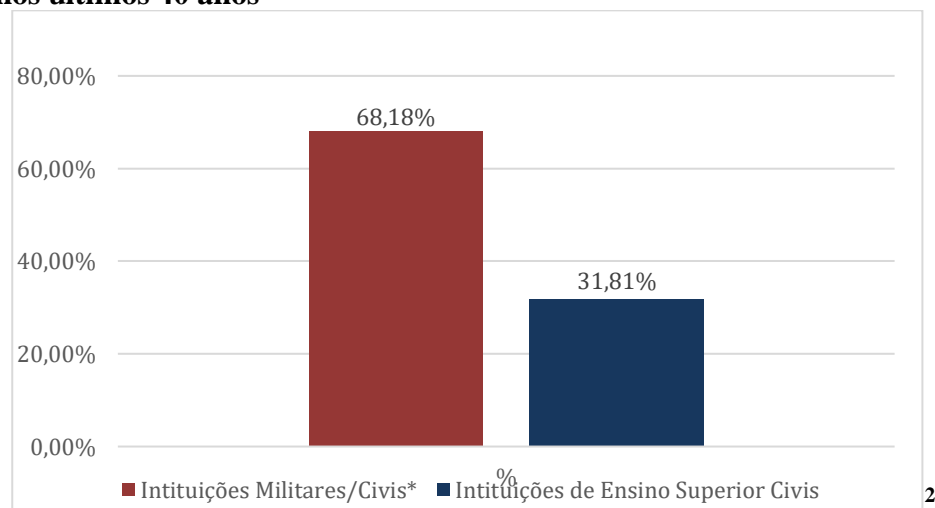
Durante o governo Temer, 2016/2017-2018, foi o período em que, proporcionalmente, mais se publicou sobre Geopolítica na Revista da Escola Superior de Guerra: o olhar e o interesse estratégico na Antártica (CÂMARA; MELO, 2018), o foco na Geopolítica do Atlântico Sul (SANDOVAL GÓES; SILVA, 2017), o conflito entre armênios e azeris na região de Nargorno-Karabakh (JESUS JÚNIOR; XAVIER, 2018) e a Geopolítica monetária da Guerra do Iraque (KOSINSKI, 2017) estiveram entre os temas abordados. Esse período, além do número expressivo de publicações, mostrou uma grande variedade de temas abordados, deixando claro o espectro amplo que permeia atualmente a Geopolítica enquanto campo do conhecimento.

Nos anos entre 2019 e 2022, governo Bolsonaro, houve uma crescente no número de artigos (8) com temas de autores importantes da Geopolítica brasileira e suas aplicações práticas (GALLERA; ROY, 2019; CARMONA, 2019; ARAÚJO, 2019; GREGORY; RODRIGUES, 2019 BARCELLOS, 2020), os conflitos alimentares (PÉREZ; REIS, 2022), a data comemorativa do bicentenário da independência (SANDOVAL GÓES, 2022) e os desafios

relacionados à segurança do Atlântico Sul e litoral africano (VISENTINI, 2022). Por fim, a guerra cognitiva como desafio à segurança dos Estados (NICHOLS; CORRÊA, 2023) foi a pesquisa que apareceu no recorte temporal mais recente.

Outro ponto observado durante a elaboração da pesquisa foram as instituições com as quais os autores que publicaram essas obras durante os 40 anos estavam vinculados. Entendendo o processo de estruturação e consolidação pelo qual a Geopolítica brasileira passou durante o século XX, espera-se uma influência grande de instituições militares, as quais historicamente sempre tiveram a Geopolítica como atriz principal em seu escopo de pesquisa e aplicação prática, na produção Geopolítica brasileira. Diante desse cenário, como é possível observar na Imagem 2, ao longo dos últimos 40 anos, 68,18% das publicações veiculadas à Revista da Escola Superior de Guerra, que tratam sobre Geopolítica, tem seus autores ligados a instituições de ensino superior militares, mas que também são abertas à civis. Por outro lado, 31,81% das publicações são oriundas de instituições de ensino superior civis.

**Imagem 2 – Gráfico do Vínculo dos autores que publicaram na revista da Escola Superior de Guerra nos últimos 40 anos**



Elaborador: Autor Fonte dos dados: Revista da ESG

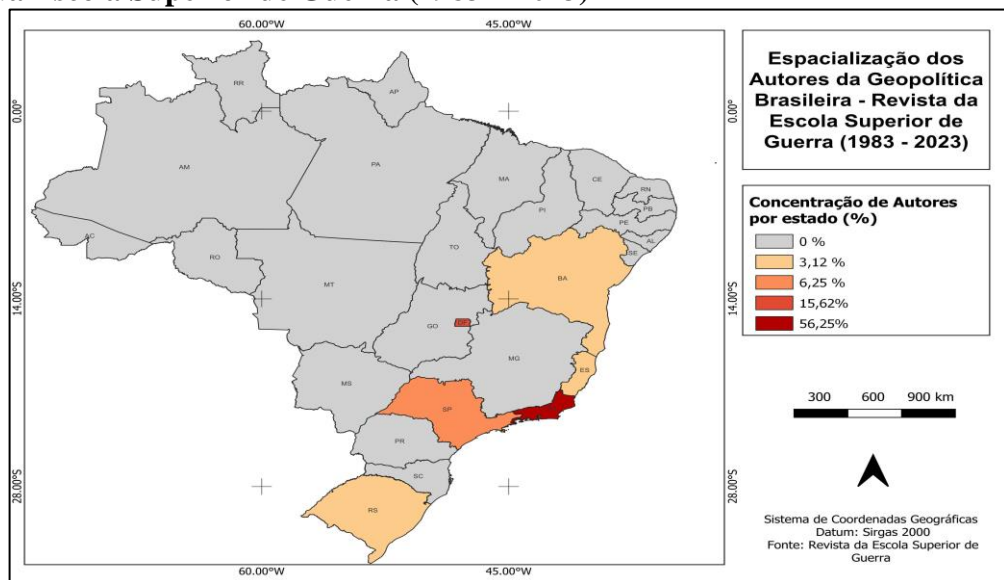
Ao decorrer da análise foi possível observar que durante os primeiros 27 anos de existência da Revista, todas as publicações sobre geopolítica foram feitas por militares da casa. Autores como Oswaldo Muniz Oliva, Meira Mattos e Sergio Porto da Luz, obtiveram cargos de comando dentro da própria ESG e também publicavam. A professora Therezinha de Castro, que não tinha formação militar, também lecionou dentro da ESG como Adjunta da Divisão de Assuntos Internacionais.

<sup>2\*</sup> Grande parte das instituições militares de ensino, com o contexto de reabertura democrática após o período ditatorial, passaram a aceitar a presença de civis nos programas de pós graduação.

Horta et al. (2010) trabalham com o conceito de endogenia acadêmica, que diz respeito a instituições superiores de ensino que contratam os próprios doutorandos após a titulação, gerando imobilidade no corpo acadêmico, queda de produtividade, entre outras problemáticas. Mas esse termo também se aplica às revistas, nas quais, autores vinculados à própria instituição gestora da revista, publicam no periódico. De acordo com Kohler e Digiampietri (2022), no Brasil, a prática excessiva da endogenia é vista, por diversos pesquisadores, como um fator que remove a credibilidade de um periódico científico. Dada as respectivas particularidades, o monopólio de autores da casa nas publicações sobre Geopolítica, durante 27 anos, demanda problematizações sobre a produtividade e a manutenção dos mesmos autores durante tanto tempo. Somente em 2010 aparece a primeira publicação que tratasse do tema Geopolítica, e que extrapolasse os “muros” da Escola Superior de Guerra, quando, João Eduardo de A. Pereira, professor da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, publicou um artigo sobre Geopolítica, segurança jurídica e questão energética no Brasil. A partir desse momento o cenário muda, e diversos autores vinculados com outras instituições de Ensino Superior no Brasil publicam na revista nos subsequentes anos. Ou seja, é possível afirmar que, apesar dos 40 anos da Revista da Escola Superior de Guerra, somente nos últimos 13 anos há uma presença marcante de publicações advindas das instituições civis de Ensino Superior, que discutam Geopolítica.

Já a Imagem 3 buscou espacializar, a partir do recorte estadual, a origem das publicações sobre Geopolítica vinculadas à Revista da Escola Superior de Guerra nos seus 40 anos de funcionamento.

**Imagem 3 – Espacialização dos Autores da Geopolítica Brasileira que Publicaram na Revista da Escola Superior de Guerra (1983 – 2023)**



Elaborador: Autor

Fonte dos Dados: Revista da Escola Superior de Guerra

O estado do Rio de Janeiro, por ter sido capital federal durante quase 200 anos, e ainda hoje sediar inúmeras instituições atreladas à segurança nacional e ao funcionamento do Estado brasileiro, e tendo em vista a influência dessas instituições dentro da ESG, é a “casa” de 56,25% dos autores que publicaram ao longo desses 40 anos na Revista da Escola Superior de Guerra. Para além dos vínculos profissionais ou acadêmicos com a própria Escola Superior de Guerra, Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Academia Militar das Agulhas Negras ou com a Escola de Guerra Naval, todas sediadas no estado, notam-se autores vinculados à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e Universidade Federal Fluminense (UFF), que são instituições civis de Ensino Superior, mas acabam recebendo a influência do contexto circundante e publicam recorrentemente na revista da ESG.

O Distrito Federal vem na sequência com 15,62% dos autores, vinculados às instituições estatais (Ministério da Defesa), mas também há autores atrelados à Universidade de Brasília (UnB), em plena função ou já aposentados. O estado de São Paulo aparece com a porcentagem de 6,25%, onde se chama atenção para o Núcleo de Estudos Estratégicos de Defesa e Segurança da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR) e para o Núcleo de Relações Internacionais e Desenvolvimento da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Os estados do Rio Grande do Sul, Bahia e Espírito Santo, aparecem com 3,12% dos autores vinculados, respectivamente, à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal de Santa Cruz – Ilhéus e Universidade Vila Velha (UVV).

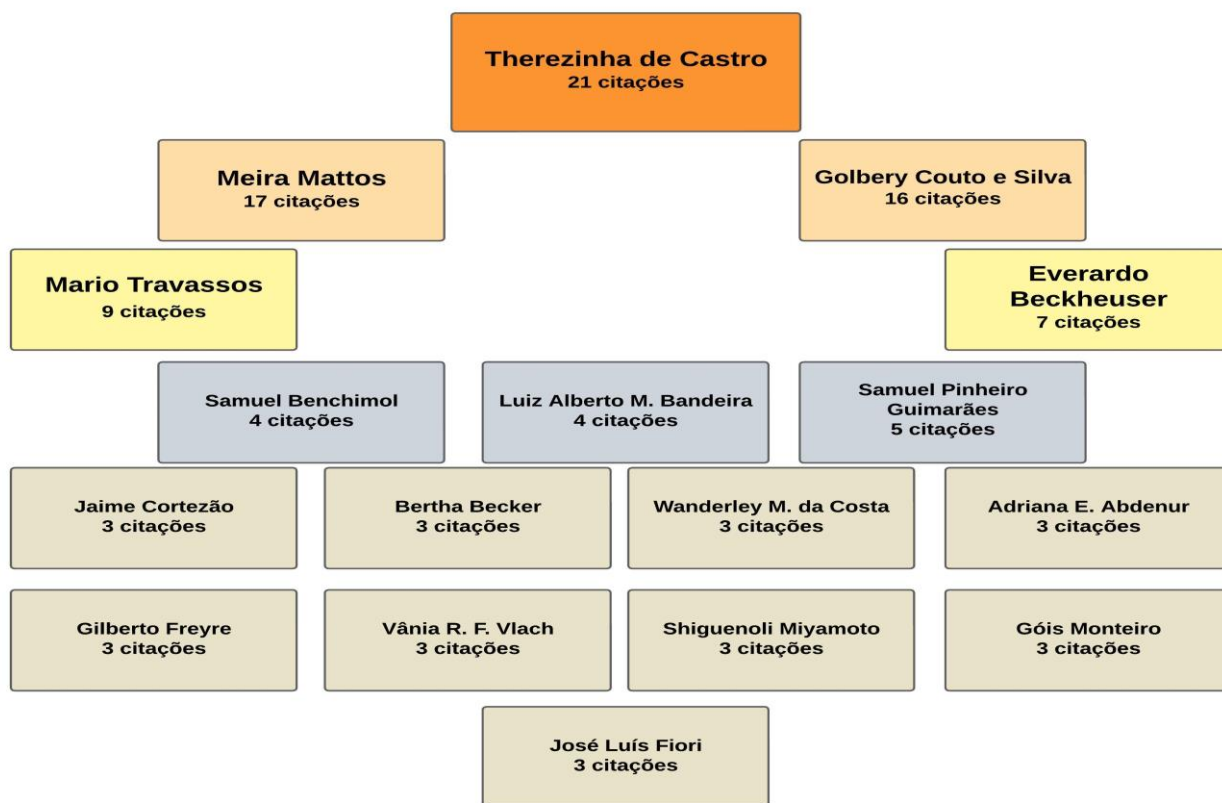
O mapa revela o quanto a produção Geopolítica – pelo menos aquela publicada na Revista da Escola Superior de Guerra - brasileira é concentrada. Nota-se o peso que o aparelhamento estatal tem, seja no passado, como é o caso do Rio de Janeiro, seja na atualidade, dado o exemplo do Distrito Federal, que abriga a capital da República. A região Norte não aparece representada através do vínculo de autores, mesmo a revista tendo em seu acervo muitos artigos que trabalham com a questão estratégica e Geopolítica da Amazônia, o que levanta questionamentos a respeito do distanciamento geográfico existente o “objeto” e o autor. Centro-Oeste e Nordeste, se não fossem pela capital federal e pelo autor vinculado à Universidade Federal de Santa Cruz, também não teriam representação dentro desse espectro.

Por fim, é possível observar na Imagem 4 que os principais autores contextualizados nas primeiras sessões desse estudo são reafirmados e colocados em destaque a partir da contagem de citação, método utilizado para mensurar os autores mais influentes dentro da Geopolítica brasileira. Therezinha de Castro aparece como a autora mais citada, 21 vezes. A professora foi

funcionária do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) durante muitos anos, geógrafa, ela deu aula durante um longo período no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, e atuou também como Professora Adjunta da Divisão de Assuntos Internacionais da ESG. É interessante ressaltar que, diante de um campo marcadamente masculino – ao observar a imagem 4, nota-se que, para além da professora Therezinha de Castro, só aparecem mais três mulheres, Bertha Becker, Adriana Abdenur e Vânia Vlach –, a autora mais citada é uma mulher.

Dentre os principais temas abordados em suas pesquisas, Therezinha de Castro se dedicou, entre outros, aos estudos sobre o interesse estratégico da presença brasileira na Antártica (1956; 1958; 1976; 1998), a Geopolítica regional e a questão amazônica (1983; 1997), mas também se dedicou a reflexões do cerne estrutural da Geopolítica (1956). Dentre as obras mais citadas nas publicações analisadas, se destacam “Geopolítica: Princípios, meios e fins” (1999), no qual a autora discute a própria Geopolítica e suas implicações, e “Nossa América: Geopolítica comparada” (1994), discutindo as questões regionais e as implicações Geopolíticas.

**Imagem 4 – Diagrama dos autores mais citados nos artigos sobre Geopolítica publicados na Escola Superior de Guerra (1983 – 2023).**



Elaborador: Autor

Fonte dos Dados: Revista da Escola Superior de Guerra

O General Carlos de Meira Mattos, devido a sua enorme contribuição, também aparece como um dos autores mais citados nas obras sobre Geopolítica publicadas nos 40 anos da Revista da Escola Superior de Guerra. Meira Mattos fez carreira no exército, se aposentou no final da década de 1970 e desde então se dedicou a estudar e publicar sobre a Geopolítica e demais temas de contato, como segurança e integração sul-americana. Um grande admirador das obras de Mario Travassos, Meira Mattos sempre foi um entusiasta da aplicação da teoria elaborada por Travassos, dentro da atuação do Estado brasileiro. O general tem inúmeras obras sobre a Amazônia e o desafio geopolítico que a região impõe para o Brasil (MEIRA MATTOS, 1991; 2002); e artigos sobre os debates da própria Geopolítica brasileira (MEIRA MATTOS, 1990; 1997; 1998; 2000). Dentre as principais obras citadas nas publicações da revista, se destaca: “Uma Geopolítica Pan-Amazônica” (1980), na qual o autor discute a gestão e manutenção do território da “grande Amazônia”, território que impõe grandes desafios, principalmente devido ao seu caráter fronteiro.

Golbery do Couto e Silva foi outro grande da Geopolítica brasileira a aparecer dentre os mais citados, através da aplicação de suas teorias em relação à integração e gestão do território nacional durante a ditadura militar. Couto e Silva, para além do escopo geopolítico, também escreveu e publicou sobre a política brasileira. Dentre suas obras mais citadas estão “Geopolítica do Brasil” (1967), livro no qual traça a aplicação para o cenário geopolítico brasileiro; e a “Conjuntura política nacional: o poder executivo e a Geopolítica do Brasil” (1981), no qual se discute o cenário nacional e o caminho para se alinhar o interesse político com as questões Geopolíticas brasileiras.

Capitão Mario Travassos e o Professor Everardo Backheuser aparecem com nove e sete citações, respectivamente. Os dois autores, como já apresentado, são tidos como precursores da Geopolítica brasileira. A principal obra de Backheuser, “Geopolítica Geral e do Brasil”, publicada em 1952, reunia escritas, palestras e aulas dadas desde o fim da década de 1920. Por outro lado, Mario Travassos, em sua principal obra, “Projeção Continental do Brasil” (1931), bebe das fontes de Backheuser e aplica seus ensinamentos, traçando a dicotomia bioceânica a que o Brasil está sujeito, a oposição entre as grandes bacias brasileiras, a Amazônica dando saída pelo norte e a do Prata atingindo o extremo sul do Atlântico. Travassos expõe as potencialidades Geopolíticas a que o Brasil está “destinado” e abastece o pensamento de autores que vieram logo na sequência, como: Meira Mattos e Golbery Couto e Silva.

Ao chegar nessa etapa de análise dos resultados, três nomes chamaram a atenção e se fizeram visíveis no recorte proposto. Samuel Benchimol, Luiz Alberto Moniz Bandeira e Samuel Guimarães, ambos foram citados quatro, quatro e cinco vezes, respectivamente. Fora

da lógica dos principais nomes anteriormente abordados, esses três pesquisadores tiveram suas obras mais citadas do que autores(a) mais conhecidos na geografia: como Bertha Becker, Wanderley Messias da Costa, Shiguenoli Miyamoto e Góis Monteiro. No primeiro caso, Bertha Becker, importante pesquisadora que dedicou parte de sua trajetória a escrever sobre a Geopolítica amazônica a partir de uma perspectiva menos centrada nos atores militares, focou no olhar sobre as populações locais e uma gestão mais conjunta do território. Já Wanderley Messias da Costa, talvez principal nome da Geopolítica brasileira da atualidade, tem muitos trabalhos sobre a Geopolítica da Amazônia, Atlântico Sul, Projeção brasileira no Continente Sul-americano, indústria do petróleo e suas implicações para a Geopolítica e desenvolvimento brasileiro, entre outros. Miyamoto, por sua vez, é importante nome das Relações Internacionais, mas que tem artigos publicados sobre a Geopolítica brasileira e seus autores. Góis Monteiro, general do exército, publicou obras sobre a finalidade política do exército.

Para alcançar o objetivo desse artigo, cabe, portanto, comentar a obra desses autores que surgiram com expressiva citação nos artigos selecionados: Samuel Benchimol, Luiz Alberto Moniz Bandeira e Samuel Guimarães.

Samuel Benchimol foi um importante economista e professor brasileiro que se dedicou a estudar e publicar obras sobre a Amazônia, defendendo uma perspectiva que integrasse a possibilidade de convivência saudável entre homem e floresta. Dentre suas principais obras, destacam: “Amazônia: a guerra na floresta” (1992); “Desenvolvimento Sustentável da Amazônia: Cenário, perspectivas e indicadores” (2002); “Amazonas: Um Pouco Antes e Além Depois” (1977), entre outras. Suas obras foram usadas como referência em publicações sobre a Geopolítica da Amazônia, sendo citado nos seguintes artigos: “Amazônia: o grande desafio Geopolítico” (MEIRA MATTOS, 2002); “A importância Geopolítica da Amazônia Brasileira” (MEIRA MATTOS, 1991); “Compreensão da Amazônia” (LUZ, 1990); “Os Aquíferos Brasileiros e a Gestão de Recursos Hídricos Transfronteiriços” (MARQUES, 2011).

Benchimol, com sua extensa obra sobre a Amazônia, foi, e talvez ainda seja citação “obrigatória” quando se analisa essa região singular. Com mais de 150 publicações, entre artigos e livros, sobre a Amazônia, o autor se destacou ao fazer uma análise que não ficasse aprisionada somente ao espectro físico. Benchimol trouxe as singularidades sociais dos amazônidas e defendeu uma convivência harmônica entre homem e floresta e se debruçou sobre os aspectos por vezes negligenciados quando se analisa a Amazônia. Sendo assim, é possível afirmar que mesmo as produções de Benchimol não tendo marcadamente um viés geopolítico, elas são imprescindíveis quando se faz uma análise contextualizada que gere robustez e

confiabilidade em relação a uma região estratégica a ser pensada não só a partir do Estado, mas em suas demais esferas de existência.

Luiz Alberto de Vianna Muniz Bandeira, importante cientista político e historiador brasileiro, foi professor universitário e produziu diversas obras sobre a política externa brasileira, principalmente sobre os Estados Unidos e a Argentina. Foi citado nos seguintes artigos: “Geopolítica do Cáucaso: uma análise do conflito Nagorno-Karabakh” (JESUS JÚNIOR; XAVIER, 2018); “Estados Unidos, China & a Geopolítica do Petróleo no Atlântico Sul: uma análise sob a ótica da teoria dos complexos regionais de segurança” (GÓES; ALBUQUERQUE E SILVA, 2017); “Pensamento Geopolítico Brasileiro: trajetória, grandes temas e novos desafios reflexões por ocasião dos 70 anos da Escola Superior de Guerra” (CARMONA, 2019) e “O Pensamento Militar no Projeto Brasil Grande Potência” (BARCELLOS, 2020). É possível observar o caráter abrangente de suas obras, já que sua utilização caracteriza uma escrita influente que permeia temáticas variadas relacionadas à produção Geopolítica brasileira. Astuto historiador, Muniz Bandeira conseguiu explorar com detalhes o interesse e a estratégia Geopolítica adotada pelos Estados Unidos para a região Sul-americana, que sempre teve condicionantes chave para o gigante norte-americano.

Bandeira, devido a sua relevante produção relacionada ao continente americano, foi citado em publicações que trabalharam ou que foram permeadas pela Geopolítica. Diante do momento atual de rearranjo da balança de poder mundial, as produções de Moniz Bandeira se fazem extremamente significantes no entendimento de como os Estados do continente americano se colocaram, e talvez, se colocarão diante das mudanças futuras. Dentro desse cenário, suas obras atravessam as publicações que discutem o contexto internacional sul-americano e a importância estratégica que o continente sul-americano tem para os norte-americanos.

Por fim, Samuel Pinheiro Guimarães foi citado cinco vezes nos artigos relacionados à Geopolítica, publicados na Revista da Escola Superior de Guerra em seus 40 anos de atividade. Pinheiro Guimarães se formou em Ciências Jurídicas e Sociais, adentrou no Itamaraty na década de 1960 e seguiu carreira de diplomata, assumiu cargos públicos ao longo de sua trajetória, passando pela diretoria da antiga Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE). Foi secretário-geral das Relações Exteriores do Ministério das Relações Exteriores, Alto-Representante Geral do Mercosul e atualmente é professor do Instituto Rio Branco, no qual leciona a matéria Política Internacional e Política Externa Brasileira. Durante sua carreira, Pinheiro Guimarães publicou inúmeros livros e artigos, a maioria deles discutindo temáticas relacionadas à sua atuação profissional, examinando as relações estabelecidas entre

o Brasil, Alemanha, Argentina e África do Sul, fazendo análises a partir dos blocos econômicos, principalmente no que diz respeito aos propostos para a realidade do continente sul-americano.

As cinco citações estão concentradas no artigo “A Importância Geopolítica da América do Sul na Estratégia dos Estados Unidos” (BANDEIRA, 2008), no qual é possível observar o interesse do autor Muniz Bandeira em investigar os detalhes atrelados aos acordos políticos e a burocracia estatal. As obras citadas foram as seguintes: “Quinhentos Anos de Periferia” (1999) duas vezes, “Desafios brasileiros na Era dos Gigantes” (2006) duas vezes e “Alca para principiantes”. Fica evidente a influência que sua carreira como diplomata exerce sobre sua obra, boa parte de suas produções discutem a presença brasileira diante de um cenário internacional que atravessa uma fase de reequilíbrio. Sendo assim, Pinheiro Guimarães traz análises pertinentes que corroboram para uma produção Geopolítica endógena, que trabalhe com cenários diferenciados e atores relevantes para o continuado desenvolvimento da Geopolítica brasileira.

Ponto interessante a ser analisado é que mesmo com características muito singulares – Benchimol com sua preocupação em corroborar para uma relação mais sustentável entre sociedade e natureza, com o caso da Amazônia; Muniz Bandeira com estudos e publicações a respeito das relações brasileiras com os norte-americanos; e Pinheiro Guimarães com sua gama de produção sobre as relações internacionais brasileiras com diversos países – as temáticas são permeadas pelo caráter geopolítico presente dentro das discussões relacionando-as diretamente com o Estado e com os demais atores da sociedade.

### **Considerações Finais**

A Geopolítica brasileira ganhou contornos sistemáticos e de aplicação juntamente com o próprio desenvolvimento do Brasil enquanto Estado e gestor de seu território. Os autores clássicos e suas obras marcaram o desenvolvimento e a consolidação desse campo de estudo no recorte não só brasileiro, mas na América do Sul como um todo. Não obstante, a pesquisa demonstrou que as publicações revelam que o momento atual é caracterizado por uma abordagem menos centrada no Estado e na perspectiva utilitarista que marcou a Geopolítica durante boa parte do século XX.

A Escola Superior de Guerra enquanto instituição ativa no processo de desenvolvimento da Geopolítica brasileira tem sua importância reafirmada principalmente a partir da formulação e consolidação de projetos geopolíticos na segunda metade do século passado. Desse modo, a Revista da Escola Superior de Guerra se justifica enquanto importante recorte temático da produção Geopolítica brasileira, vislumbrando autores e obras do passado, mas também

angariando produções contemporâneas e contribuindo para o desenvolvimento do campo de estudo. Sendo assim, o presente trabalho se propôs a identificar, caracterizar e analisar a produção Geopolítica brasileira para além dos clássicos, a partir do recorte da Escola Superior de Guerra nos seus 40 anos de existência.

Dentre as reflexões, é necessário apontar o quanto a produção sobre Geopolítica da Revista foi concentrada em recortes temporais específicos. Em relação aos vínculos institucionais dos autores, a produção Geopolítica publicada na revista ficou aprisionada nas “mãos” de autores da “casa” durante quase 30 anos, panorama que tem mudado desde 2010 quando houve a primeira publicação de um autor vinculado a uma instituição de Ensino Superior civil. Tratando-se da espacialização dos autores, nota-se o peso fluminense dentro das publicações, seguido da importância do Distrito Federal e, logo após, aparecem os estados da Bahia, Espírito Santo e Rio Grande do Sul, tornando evidente a falta de autores vinculados a instituições da região Norte, mesmo existindo muitos artigos sobre a Amazônia e suas temáticas.

Para além das reflexões que ficam à margem do objetivo central, foi possível identificar a importância e o peso que autores clássicos ainda exercem dentro do campo geopolítico brasileiro, entre os quais estão: Therezinha de Castro, Meira Mattos, Golbery do Couto e Silva e Everardo Backheuser. Isso pode indicar que, ainda, a produção Geopolítica brasileira está presa aos grandes nomes do campo, com menor capacidade de oxigenação nos últimos anos. Pesquisas futuras podem ajudar nessa reflexão. No entanto, entre os “novos” nomes, apareceram: Samuel Benchimol, Luiz Alberto M. Bandeira e Samuel Pinheiro Guimarães. Tendo quantidade de citações significantes, a presença desses autores revelou o caráter multidisciplinar que análises Geopolíticas demandam, sendo importante considerar a contribuição de autores e obras que contemplem temáticas que permeiam o debate geopolítico.

Não obstante, essa pesquisa também encontra percalços e limites, já que o recorte contemplado apenas pela Revista da Escola Superior de Guerra se mostra inicial para uma análise do panorama nacional a respeito das produções e autores da Geopolítica brasileira. Com isso, provoca-se e instiga-se possíveis pesquisas que contemplem outros periódicos relevantes, a exemplo da Revista de Geopolítica, vinculada à Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Por fim, essa pesquisa se mostrou pertinente em seu caráter provocativo em relação à proposta de buscar autores para além dos clássicos, existindo uma lacuna de obras que se proponham a isso. Entretanto, os debates a respeito da concentração temporal, vínculo institucional e a espacialização dessas produções, sugerem inúmeras perguntas que poderão ser respondidas em pesquisas futuras, contribuindo para o avanço da Geopolítica brasileira.

## Referências bibliográficas

ALVES, L. P.; CUNHA, G. L. da. *Geopolítica do Brasil para a América do Sul: Principais desafios e limitações para consolidar um espaço de lugares no subcontinente mediante a liderança no processo de integração sul-americano. In: I CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA POLÍTICA, GEOPOLÍTICA E GESTÃO DO TERRITÓRIO*, 2014, Rio de Janeiro. **Anais [...]** Porto Alegre: Letra1, 2014. p. 195-207.

ARAÚJO, C. A. *Bibliometria: evolução histórica e questões atuais. Em Questão*, v. 12, n. 1, p. 11–32, jun. 2006.

ARAÚJO, G. C. C. DE. *Geopolítica e Geoestratégia Aplicadas ao Território Brasileiro no Período do Regime Militar. Revista da Escola Superior de Guerra*, v. 70, p. 96–115, 2019.

AZEVEDO, D. A. de; URIAS, G.; OLIVEIRA, L. L. de. *A Revisão de Literatura como Método de Pesquisa na Geografia: Uma Scoping Review. Boletim Paulista de Geografia, [S. l.]*, v. 1, n. 109, p. 65–88, 2023. DOI: 10.54446/bpg.v109i1.2955. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/boletim-paulista/article/view/2955>. Acesso em: 4 dez. 2023.

AZEVEDO, D. A.; NOGUEIRA, R. *Geografia política: base conceitual e diversidade temática*. Brasília: Selo Caliantra UnB, 2023.

BACKHEUSER, E. *A geopolítica geral e do Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1952.

BANDEIRA, L. A. M. *A Importância Geopolítica da América do Sul na Estratégia dos Estados Unidos. Revista da Escola Superior de Guerra*, v. 50, p. 7–35, 2008.

BARCELLOS, J. M. V. B. *O Pensamento Militar no Projeto Brasil Grande Potência. Revista da Escola Superior de Guerra*, v. 73, p. 171–196, 2020.

BECKER, B. K. *Geopolítica da Amazônia. Estudos Avançados, [S. l.]*, v. 19, n. 53, p. 71-86, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10047>. Acesso em: 4 dez. 2023.

BENCHIMOL, S. *Amazonas: Um Pouco Antes e Além Depois*. Manaus: Editora Alberto Calderaro, 1977.

BENCHIMOL, S. *Amazônia: Guerra na Floresta*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

BENCHIMOL, S. *Desenvolvimento sustentável da Amazônia: cenários, perspectivas e indicadores*. Manaus: Valer, 2002.

BOTELHO, L. de L. R.; CUNHA, C. C. de A.; MACEDO, M. *O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. Gestão e Sociedade, [s. l.]*, v. 5, n. 11, p. 121-136, ago. 2011

BRAGATTI, M. C. *Aspectos Geopolíticos da América do Sul e Integração Sul-americana: Pensamento Geopolítico Clássico e Interpretações Contemporâneas da Defesa no Continente. Revista da Escola Superior de Guerra*, p. 7–22, 2015.

BRANDÃO, P. R. B. *Questões emergentes para um (novo) Temário da Geografia Política do Oeste Baiano*. **Redes**, v. 20, n. 3, p. 382-400, 3 jan. 2016.

CÂMARA, P.; MELO, R. B. de. *Brasil na Antártica: Os Próximos 30 anos*. **Revista da Escola Superior de Guerra**, v. 68, p. 64–81, 2018.

CARMONA, R. G. *Pensamento Geopolítico Brasileiro: Trajetória, grandes Temas e novos Desafios Reflexões por Ocasão dos 70 anos da Escola Superior de Guerra*. **Revista da Escola Superior de Guerra**, v. 70, p. 162–188, 2019.

CASTRO, I. E. de. *Geografia e Política: Território, Escala de Análise e Instituições*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CASTRO, I. E. de. *Geografia Política: o que é afinal e para que serve*. **Revista Espaço e Geografia**, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 1:26, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/espacoegeografia/article/view/40254>. Acesso em: 4 dez. 2023.

CASTRO, T. de. *O Brasil e a Nova Ordem Mundial: Enfoque Geopolítico (Integração de Grupos Regionais e Sub-regionais na América do Sul - Sua Projeção para o Século XXI)*. **Revista da Escola Superior de Guerra**, p. 1–7, 1997.

CASTRO, T. de. *Colômbia: Destino Geopolítico*. **Revista da Escola Superior de Guerra**, p. 1–5, 1998.

CASTRO, T. de. CARVALHO, C. D. de. *Geografia política e Geopolítica*. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro: v. 14, n. 133, p. 382-391, jul/ago. 1956.

CASTRO, T. de. *A questão Antártica*. **Boletim Geográfico**. Rio de Janeiro: v. 14, n. 135, p. 502-506, nov/dez.1956.

CASTRO, T. de. *Antártica*. Rio de Janeiro: ESG. 1998.

CASTRO, T. de. *Antártica: o Assunto do Momento*. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro: IBGE, v. 16, n.142, p. 42-49, jan/fev. 1958.

CASTRO, T. de. *Rumo à Antártica*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1976.

CASTRO, T. de. *Geopolítica: Princípios, Meios e Fins*. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1999, 389p.

CASTRO, T. de. *Atlântico Sul: Geopolítica e Geoestratégia*. Rio de Janeiro: ESG, 1997.

CASTRO, T. de. *Brasil: da Amazônia ao Prata*. Rio de Janeiro: Colégio Pedro II, 1983.

CASTRO, T. de. *Nossa América: Geopolítica Comparada*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1994.

EDITORIAL. **Revista da Escola Superior de Guerra**. V. 1, n. 1, p. 01, 1983.

FALCÃO, A. *Política sim!* **Revista da Escola Superior de Guerra**, p. 1-16, 1997. <https://revista.esg.br/index.php/revistadaesg/article/view/641>

FIGUEIREDO FILHO, E. de O. *A Escola Superior de Guerra*. **Revista da Escola Superior de Guerra**, p. 1–10, abr. 1984.

FORESTI, N. A. B. *Contribuição das Revistas Brasileiras de Biblioteconomia e Ciência da Informação Enquanto Fonte de Referência para a Pesquisa*. **Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia - IBICT**, p. 53–71, jun. 1990.

GALLERA, A. S.; A A DE ROOY, G. G. *Góis Monteiro, Backheuser e Travassos: Uma Análise do Plano de Guerra de 1938 e sua Relação com o Pensamento Geopolítico Brasileiro na Era Vargas*. **Revista da Escola Superior de Guerra**, v. 72, p. 86–110, 2019.

GÓES, G. S. *Bicentenário da Independência-Geopolítica, Fronteiras e Soberania do Brasil no Século XXI*. **Revista da Escola Superior de Guerra**, p. 62–64, 2022.

GÓES, G. S.; SILVA, B. B. de A. *Estados Unidos, China e a geopolítica do petróleo no Atlântico Sul: Uma análise sob a ótica da teoria dos complexos regionais de segurança*. **Revista da Escola Superior de Guerra**, v. 32, n. 64, p. 49–88, 28 abr. 2017.

GUIMARÃES, S. P. *500 anos de Periferia: Uma contribuição ao estudo da política internacional*. Porto Alegre: Ed. da Universidade, 1999.

GUIMARÃES, S. P. *Desafios brasileiros na era dos gigantes*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2006.

GREGORY, V.; RODRIGUES, A. de O. *Brasil: uma Grande Estratégia para o Século XXI*. **Revista da Escola Superior de Guerra**, v. 72, p. 40–66, 2019.

HORTA, H.; VELOSO, F.; GREDEAGA, R. *Navel gazing: Academic inbreeding and scientific productivity*. **Management Science** 56, n. 3, p. 414-429, 2010.

JESUS JÚNIOR, H. de; XAVIER, J. R. G. Z. *A Geopolítica do Cáucaso: uma Análise do Conflito do Nagorno-Karabakh*. **Revista da Escola Superior de Guerra**, v. 69, p. 13–30, 2018.

KÖHLER, F.; DIGIAMPIETRI, A. *Periódicos Brasileiros de Turismo: Endogenia, Dependência e Representação de Instituições, Unidades da Federação e grandes Regiões*. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, [S. l.]**, v. 27, n. 1, p. 1–28, 2022. DOI: 10.5007/1518-2924.2022.e85796. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/85796>. Acesso em: 4 dez. 2023.

KOSINSKI, D. *A Geopolítica Monetária da Guerra do Iraque de George W. Bush: o Resgate dos Petrodólares*. **Revista da Escola Superior de Guerra**, v. 63, p. 169–191, 2017.

LACOSTE, Y. *A Geografia serve, antes de mais nada para fazer a guerra*. Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1977.

LIMA, W. T. de et al. A Geopolítica de Everardo Backheuser para o Brasil entre Processos e Retrocessos. **Revista Geopolítica Transfronteiriça**, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 51-62, jul. 2017. ISSN 2527-2349. Disponível em: <<http://periodicos.uea.edu.br/index.php/revistageotransfronteirica/article/view/622>>.

LOPES, C. S. *Geopolítica da Paz Mundial: Estratégia & Logística da Construção da Paz*. **Revista da Escola Superior de Guerra**, p. 80–107, set. 2006.

LUZ, S. P. da. *Compreensão da Amazônia*. **Revista da Escola Superior de Guerra**, p. 159–180, 1990.

MACEDO, T. S. de; PAGANO, A. S. *Análise de Citações em Textos Acadêmicos Escritos*. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 27, n. 2, p. 257–288, 2011.

MARQUES, A. C. *Os Aquíferos Brasileiros e a Gestão de Recursos Hídricos Transfronteiriço*. **Revista da Escola Superior de Guerra**, v. 53, p. 66–97, 2011.

MARTINS, J. C. F. Processo Legislativo, Eixo de Equilíbrio Político-Institucional. **Revista da Escola Superior de Guerra**. P. 1-13. 1998. <https://revista.esg.br/index.php/revistadaesg/article/view/617>

MATOS, S. R. R.; SOUSA, M. B. de. *Cooperação ou Conflito? Prospecções sobre a Geopolítica Brasileira e a Estratégia Chinesa para o Atlântico Sul*. **Revista da Escola Superior de Guerra**, p. 23–42, 2015.

MATTOS, C. de M. *Fundamento Científico da Geopolítica e a sua Relação com a Teoria de Fronteiras*. **Revista da Escola Superior de Guerra**, p. 79–86, 1990.

MATTOS, C. de M. *Fronteiras do Brasil*. **Revista da Escola Superior de Guerra**, p. 115–129, 1991a.

MATTOS, C. de M. *A Importância Geopolítica da Amazônia Brasileira*. **Revista da Escola Superior de Guerra**, p. 165–188, 1991b.

MATTOS, C. de M. *Geopolítica e Globalização*. **Revista da Escola Superior de Guerra**, p. 1-3, 1997.

MATTOS, C. de M. *Estímulo Geopolítico da Continentalidade Brasileira*. **Revista da Escola Superior de Guerra**, p. 1-4, 1998.

MATTOS, C. de M. *A Geopolítica Brasileira: Predecessores e Geopolíticos*. **Revista da Escola Superior de Guerra**, p. 1–16, 2000.

MATTOS, C. de M. *Amazônia: O Grande Desafio Geopolítico*. **Revista da Escola Superior de Guerra**, p. 313-321, 2002.

MATTOS, C. de M. *Brasil: Geopolítica e Destino*, Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1979.

- MATTOS, Carlos de Meira. *Projeção Mundial do Brasil*. Rio de Janeiro: ESG, 1983.
- MATTOS, C. de M. *Uma geografia Pan-amazônica*. Rio de Janeiro: Bibliex - Biblioteca do Exército, 1980.
- MOREIRA, J. B. de B. A nova geopolítica mundial e seus reflexos para o Brasil. **Revista da Escola Superior de Guerra**, v. 48, p. 21–39, 2007.
- MOREIRA, W. *Revisão de literatura e desenvolvimento científico: conceitos e estratégias para confecção*. **Janus**, Lorena, SP, a. 1, n. 1, p. 21-30, jul./dez. 2004.
- MOTTA, D. F. da. *Validade de Análise de Citação como Indicador de Qualidade da Produção Científica Uma Revisão*. **Ciência da Informação**, p. 53–59, 1983.
- NICHOLS, G. C. L.; CORRÊA, C. R. *A Guerra Cognitiva nas Redes Sociais e suas Implicações para a Segurança dos Estados*. **Revista da Escola Superior de Guerra**, v. 38, p. 101–121, 6 out. 2023.
- OLIVA, O. M. *Esg: Opções Político-Estratégicas para o Brasil*. **Revista da Escola Superior de Guerra**, p. 9–15, 1988.
- OLIVA, O. M. *A Globalização e Nós à Guisa de Introito*. **Revista da Escola Superior de Guerra**, p. 1–13, 1999.
- PEREIRA, C. P. F. *Geopolítica e o Futuro do Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2007.
- PEREIRA, J. E. DE A. *Geopolítica, Segurança Jurídica e Inserção do Brasil na Questão Energética Internacional*. **Revista da Escola Superior de Guerra**, p. 49–58, 2010.
- PÉREZ, D. V.; REIS, Y. A. M. *Prenúncio de Futuros Conflitos Alimentares no Século XXI: os Casos do Iêmen e do Qatar*. **Revista da Escola Superior de Guerra**, v. 79, p. 134–157, 2022.
- PIETROBON-COSTA, F. *A Geopolítica e a Geoeconomia no Século XXI Induzindo Integração de Inovações no Exército Brasileiro: Mobilidade Estratégica para a Defesa das Reservas Naturais do Brasil*. **Revista da Escola Superior de Guerra**, v. 58, p. 27–56, 2014.
- REIS, P. de O.; MACEDO FILHO, J. *O Brasil e o Mundo*. **Revista da Escola Superior de Guerra**, p. 49–63, 1989.
- SANDOVAL GÓES, G. *Geopolítica e pós-modernidade*. **Revista da Escola Superior de Guerra**, v. 48, p. 21–39, 2007.
- SANTOS, J. C. dos. *Fronteiras Culturais*. **Revista da Escola Superior de Guerra**, p. 150–170, 2016.
- SILVA, Golbery do Couto e. *Geopolítica do Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1967.

SILVA, Golbery do Couto. *Conjuntura Política Nacional, O poder Executivo e a Geopolítica do Brasil*. Brasília: UnB, 1981.

TOSTA DA SILVA, O. Teorias Geopolíticas. **Revista da Escola Superior de Guerra**, p. 143–184, 1992.

TRAVASSOS, M. *Projeção Continental do Brasil*. São Paulo: Companhia Editoria Nacional, 1935. 2a. ed.

VLACH V. R. F. *Estudo preliminar acerca dos geopolíticos militares brasileiros*. **Terra Brasilis [Online]**, 4 - 5 | 2003, posto online no dia 05 novembro 2012, consultado o 04 dezembro 2023. URL: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/359>; DOI: <https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.359>

VISENTINI, P. F. *O Flanco Leste do Entorno Estratégico do Brasil: o Desafio Securitário do Atlântico Sul e do Litoral da África*. **Revista da Escola Superior de Guerra**, v. 80, p. 94–108, 2022.

COSTA, W. M. da. *A Geopolítica brasileira e sua influência no pensamento estratégico nacional*. **L'Espace Politique [En ligne]**, 31 | 2017-1, mis en ligne le 04 avril 2017, consulté le 03 décembre 2023. URL: <http://journals.openedition.org/espacepolitique/4132>; DOI: <https://doi.org/10.4000/espacepolitique.4132>

COSTA, W. M. da. O Brasil e a América do Sul: cenários geopolíticos e os desafios da integração. **Confins [Online]**, 7 | 2009, posto online no dia 31 outubro 2009, consultado o 04 dezembro 2023. URL: <http://journals.openedition.org/confins/6107>; DOI: <https://doi.org/10.4000/confins.6107>